



É grave! É greve!

Estamos em um período de sucessivos ataques à Educação Pública, que certamente não vêm de hoje, mas que em muito se intensificaram com a ascensão do fascismo, cujo símbolo maior é o Presidente da República, Jair Bolsonaro.

Além de sofrer os efeitos da Emenda Constitucional nº 95/2016 e dos sucessivos cortes de verbas desde 2014, enfrentamos um novo corte no orçamento, que está inviabilizando o funcionamento das Instituições Federais de Ensino (IFEs).

Além disso, Bolsonaro e seu ministro Weintraub – inimigos da Educação! – atuam com base em fake news e chantagens. Disseram que os cortes eram por “balbúrdia” e “ensino de má qualidade” em instituições que são referência. Depois cortaram de todas as IFEs e disseram que era para “economizar por conta da Previdência” – uma chantagem para aprovar a contrarreforma. E, por fim, mentem dizendo que reverteram os cortes. Nós precisamos deixar bem claro que isso é falso e mostrar à sociedade o estado de sucateamento e desmonte das IFEs!

O viés ideológico e de controle social nunca esteve tão forte. Em período de “pós-verdade”, de defesa da ditadura e da tortura, a Educação está em processo de militarização. A perseguição aos educadores é cotidiana e o governo tenta se colocar como imparcial.

O Future-se é, na verdade, Privatize-se!

O Programa lançado em 17 de julho pelo Ministério da Educação (MEC) é uma ofensiva rumo ao desmonte do Ensino Público, que busca a subordinação das IFEs ao setor privado, de lavagem de dinheiro e de corrupção, que é o locus das Organizações Sociais (OSs) – que de “sociais” não tem nada!

Nossas condições de trabalho estão péssimas

Adoecimento, perseguições, falta de recursos, remunerações abaixo do valor de mercado e o Ministro afirmando que somos marajás.

O que fazer?

É preciso construir uma Greve da Educação e, para isso, precisamos fazer nossa parte. Não adianta esperar que o fechamento de cursos e campi ocorra e que a nossa estabilidade seja jogada no lixo, bem como as IFEs.

Esperar o pior acontecer não é tática de quem vai vencer. E nós precisamos vencer essa batalha!

O Andes-SN abriu consulta às suas bases sobre a realização de uma greve. Outras entidades estão debatendo o tema. Já temos seções sindicais que aprovaram Estado de Greve. Essa é a hora de construir a nossa greve, não de esperar.

Greve da Educação por tempo indeterminado, já! Precisamos fazer a nossa parte! É greve! É greve!

FUTURE-SE ou
PRIVATIZE-SE?

A verdadeira luta das trabalhadoras e dos trabalhadores da Educação em Mato Grosso

Artigo escrito por Jelder Pompeo de Cerqueira (TAE do IFMT)

Antes de se julgar a greve das trabalhadoras e dos trabalhadores da Educação, é preciso e urgente conhecer os bastidores de tudo o que enfrenta, historicamente, esta classe em Mato Grosso. Quando tratamos da luta destas valorosas trabalhadoras e destes valorosos trabalhadores, não nos referimos apenas à greve e às mobilizações que elas e eles enfrentam, em 2019, há mais de dois meses. Falamos do cotidiano adverso que está posto desde sempre, com o abandono das escolas e dos processos de ensino/educação públicos pelos governos; falamos da violência, física e simbólica, que permeia os espaços educacionais, oprimindo docentes e discentes, especialmente nas periferias, e que precisa ser enfrentada para que se ensinem as milhares de crianças, adolescentes e adultos, num país – e num estado – em que a Educação de qualidade ainda é considerada um privilégio.

Meu conhecimento sobre a realidade da Educação Pública vem da vivência que tive ao longo dos anos em que trabalhei nas diversas Redes de Educação e em diversas funções distintas. Comecei em 2010 como técnico em nutrição escolar (vulgo merendeiro) na Rede Municipal de Educação de Cuiabá-MT. Em 2012, fui convocado em meu segundo concurso público na área da Educação, desta vez, para técnico-administrativo escolar na Rede Estadual de Educação. Em 2013, passei a lecionar no IFMT, como professor contratado. Em 2014, paralelo ao trabalho que fazia na Rede Estadual, ministrei aulas por um bimestre em uma escola privada, até ficar sabendo que fui aprovado no concurso do IFMT para técnico em assuntos educacionais, cargo que ocupo atualmente.

Ter transitado pelas diversas Redes de Educação e em muitos cargos distintos possibilitou-me ver a realidade de muitos trabalhadores e de muitas trabalhadoras da Educação. Sem medo de errar, posso afirmar que muitas escolas só não caíram na cabeça dos alunos e das alunas



ou de quem trabalha na Educação devido às lutas que os educadores e as educadoras, junto à comunidade escolar, travaram ao longo dos anos. Essa luta é diária, mas a comunidade externa só a vê quando ela vai para fora do muro da escola. Estes enfrentamentos são diversos e travados em várias “trincheiras”, desde a limpeza, passando pela merenda (às vezes, a única refeição que um ou uma estudante faz durante seu dia), até a sala de aula.

Vou tratar um a um os desafios que os trabalhadores enfrentam diariamente. É claro que não conseguirei falar

sobre todas as batalhas que profissionais da Educação enfrentam, mas pretendo demonstrar um pouco da realidade desconhecida por muitos e muitas de nós.

Já na entrada da escola, temos um trabalhador ou uma trabalhadora responsável pelo controle da entrada e saída discente. Esta é a pessoa que tem que conhecer todos os pais, as mães e os/as responsáveis dos alunos e das alunas para poder entregar cada criança a seu respectivo ou sua respectiva responsável. Este/esta trabalhador/trabalhadora é quem, muitas vezes, fica até mais tarde cuidando daquelas crianças que os pais ou as mães não foram buscar. A escola nunca fica sem ninguém. Mesmo quando se passa na frente de qualquer unidade escolar no meio da noite, é preciso saber que lá dentro há um trabalhador ou uma trabalhadora que fica todas as noites, feriados e finais de semana zelando por aqueles espaços. Estas pessoas colocam suas vidas em risco em unidades escolares sem o mínimo de segurança.

Antes das aulas começarem, a escola tem que estar limpa. Aí entra em jogo as trabalhadoras e os trabalhadores da limpeza. Elas e eles madrugam nas unidades escolares e têm que dar conta de espaços enormes, sendo, muitas vezes, uma ou duas pessoas por turno. O número de trabalhadores e trabalhadoras leva em conta a quantidade de discentes e não o tamanho da unidade escolar – nem seu estado. Vale lembrar que, quanto mais decadente for o prédio, maior será o trabalho de todos e todas os/as envolvidos/envolvidas. E estas trabalhadoras e estes trabalhadores convivem com a estrutura precária da unidade escolar, pias e canos vazando, falta de água, esgoto saltando das fossas, mato, pisos quebrados, carteiras impróprias ao uso, sem contar a poeira das ruas, muitas vezes de terra, que circundam a escola. Trabalhadores e trabalhadoras têm que fazer tudo isso com produtos e equipamentos de baixa qualida-



de, pois é o que o dinheiro da escola consegue comprar. Quando não estão limpando a escola, geralmente, estas mulheres e estes homens estão na cozinha, ajudando as merendeiras. Na maior parte das vezes, há uma ou duas mulheres para alimentar centenas de alunos e alunas. Reitera-se que, em muitos casos, aquela será a única refeição durante todo o dia.

Quantas vezes não tive que improvisar um prato para alunos e alunas que estavam passando mal de fome e não conseguiriam esperar o horário da merenda. Era de encher os olhos de lágrimas ao ver a alegria daquelas crianças por terem aquele prato de comida. Isso nos motivava a nos esforçarmos cada vez mais para fazer a melhor comida possível, mesmo quando a carne vinha cheia de gordura e o processo de retirar o excesso da gordura precisava ser feito duas ou três vezes. Trabalhávamos em uma cozinha insalubre, extremamente quente, pois não havia ventilação. Nossa única panela de pressão, de tão velha e remendada, era um perigo constante, tanto que quase explodiu um dia. Só depois disso conseguimos uma nova.

Quando havia algum evento que juntava merendeiras e merendeiros, ficava bem visível as marcas que o trabalho na cozinha produziram nos corpos daquelas e daque-

les colegas. Quase todas e todos tinham algum problema de saúde ocasionado pelo esforço e/ou insalubridade das cozinhas.

Na secretaria da escola, a vida também nunca é tranquila. Poucos trabalhadores e poucas trabalhadoras precisam se desdobrar em várias funções para dar conta de administrar toda a estrutura da escola, além de emitir toda a documentação dos alunos e das alunas. Quantas vezes não ficamos em um ou dois trabalhadores no final do ano, pois o restante dos e das colegas eram contratados e tinham seus contratos suspensos logo no período em que mais precisávamos de gente para ajudar a emitir os diplomas, os históricos e demais documentos discentes.

Na sala de aula, as professoras e professores servem como psicólogas, psicólogos e assistentes sociais, além de ministrar suas aulas com estruturas precárias. O desafio é imenso. Lembro que, na faculdade, aprendemos diversas dinâmicas e recursos para podermos deixar nossas aulas mais interessantes: uso de música, filmes, aulas de campo, experiências práticas etc. Quando chegamos à sala de aula, vemos que a realidade é outra. Temos sorte quando a sala tem quadro, giz, ventilador e carteira para todos e todas. Se

houver – e raramente há – na escola, recursos de multimídia, eles são disputadíssimos, não sendo possível preparar a aula contando com esses equipamentos. Aula de campo é quase impossível de fazer. Muitas vezes, para esta atividade acontecer, a professora ou o professor precisa colocar recursos do próprio bolso. Aliás, colocar a mão no bolso para trabalhar é o que mais os trabalhadores e as trabalhadoras da Educação fazem: seja para a cota da água e do café, para comprar rifas de formatura de alunos e alunas ou mesmo para manter a escola em seu mínimo necessário. Quantas vezes não tivemos que vender pizza, rifa ou fazer festa (junina, por exemplo) para arrecadar dinheiro a fim de arrumar uma coisa ou outra na escola. Uma boa parte do salário destes e destas profissionais acaba ficando na própria escola. Não é à toa que, em todo colégio, encontram-se aqueles catálogos de perfumes, de utensílios de cozinha etc. Esta é a forma que alguns trabalhadores e algumas trabalhadoras conseguem complementar suas rendas. Outras e outros docentes trabalham em dois ou mais empregos.

Este é um resumo rápido da luta diária das trabalhadoras e dos trabalhadores da Educação. São essas pessoas que estão enfrentando um governo truculento que, ao desrespeitar a lei e ser cobrado por isso, cortou seus salários. São essas pessoas que os governos, das diferentes esferas, estão tratando como os vilões e as vilãs. São por estas pessoas e com estas pessoas que devemos lutar. Se, pois, ainda temos Educação Pública é por que eles e elas lutaram e continuam lutando por este direito. Se queremos melhorias na Educação, só nos juntando a eles e à elas e reforçando sua luta que conseguiremos avançar!



Ataques à Educação no campo

O efeito dos cortes de verbas e da política de extermínio e perseguição de Bolsonaro

Temos falado em nossos boletins dos assassinatos e ameaças às lideranças rurais que vêm aumentando de forma assustadora com o governo Bolsonaro. Exemplo dos companheiros do MST assassinados, caciques, aldeias invadidas por madeireiros. Tudo isso reflexo da política de um governo de milicianos, que tem enfatizado a barbárie no campo, mas que está atuando e expandindo esses ataques no geral.

A Educação no campo também tem os primeiros impactos dos cortes de verbas, perseguições e fechamento de cursos. O campus Abelardo Luz do IFB e as perseguições lá ocorridas são um exemplo. Agora temos outro caso emblemático com a ameaça de fechamento do curso superior tecnólogo em agroecologia, do campus Planaltina do IFB.

É preciso levar em consideração que o único curso do Distrito Federal e Entorno de agroecologia se encontra ali e que ele foi criado a partir da demanda dos movimentos sociais. O campus que oferece o curso encontra-se em zona rural, na periferia do Distrito Federal, em meio a muitos assentamentos e acampamentos como Pequeno William, Oziel Alves, Pôr-do-Sol, Palmares, Terra Livre, entre outros; e também próximo da Coopa-DF, a maior cooperativa agropecuária do Distrito Federal, sendo um curso de grande importância para amenizar, dialogar e buscar outras alternativas para a expansão desenfreada do agronegócio na região.

É necessário também deixar claro que um dos ataques à Educação no campo foi a demolição do Espaço de Convivência Agroecológico (Ecoa), o que tem prejudicado a permanência dos estudantes no curso.

O Ecoa, além de uma casa, é um território ocupado pelos estudantes de agroecologia desde 2011, utilizado para fazerem almoço, jantar, descansar, estudar, para reunião, dormitório que dá suporte para permanência dos estudantes no curso pelas diversas dificuldades encontradas, da



distância do Instituto, burocracia para conseguir residência, restrição em se alimentar no campus pela taxa cobrada no almoço (R\$ 7,50, maior que na UnB) etc. Enfim, o Ecoa auxilia na conclusão do curso, reduz a evasão e se estende ao processo de formação de um agroecólogo pelas práticas que este desenvolve dentro da sua autonomia.

Esse espaço também era utilizado no desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão, projetos com banco genético comunitário, fazendo uso do território para multiplicação das genéticas e trocas entre estudantes, comunidade local, com o propósito de levar e resgatar variedades perdidas às comunidades locais, tradicionais e camponesas, em vivências que estudantes desenvolvem pelo Brasil sem apoio institucional.

Demoliram a casa no último dia 6 de julho. Destruíram também os encanamentos do sistema de irrigação, dinheiro tirado do bolso dos membros da comunidade, ocasionando o corte da água, comprometendo centenas de variedades crioulas, adquiridas com comunidades quilombolas, indígenas, camponesas, e em troca de sementes, demonstrando total descaso e perseguição.

Em defesa da Educação no campo, em defesa da vida e dos direitos e dos trabalhadores rurais, seguimos na luta!

**13 DE AGOSTO
GREVE NACIONAL
DA EDUCAÇÃO**



Todos nas ruas no 13A! Tsunami da Educação!

Contra o governo Bolsonaro e seus ataques à Educação, estaremos novamente nas ruas de todo o país na terça-feira, dia 13 de agosto.

Estamos construindo mobilizações e fazendo chamados de atos em todas as regiões, nas capitais e em diversas cidades de interior, em uma jornada de lutas que reúne todos os seguimentos diretamente envolvidos na área da Educação, mas que tem se somado às diversas lutas da classe trabalhadora.

A deliberação do SINASEFE é por construir o 13A em unidade com as diversas organizações e movimentos.

Orientamos as seções sindicais a procurar as organizações locais, estaduais e municipais; entidades estudantis (CAs, Grêmios, Fenet, Ubes e Une); entidades sindicais (Andes-SN, Fasubra, bases da CNTE, sindicatos de educadores); e movimentos populares que estejam se somando.

13A: Tsunami da Educação!

Fora Bolsonaro e Weintraub – inimigos da Educação!

Não te rendas

Não te rendas, ainda estás a tempo
de alcançar e começar de novo,
aceitar as tuas sombras
enterrar os teus medos,
largar o lastro,
retomar o voo.

Não te rendas que a vida é isso,
continuar a viagem,
perseguir os teus sonhos,
destravar os tempos,
arrumar os escombros,
e destapar o céu.

Não te rendas, por favor, não cedas,
ainda que o frio queime,
ainda que o medo morda,
ainda que o sol se esconda,
e se cale o vento:
ainda há fogo na tua alma
ainda existe vida nos teus sonhos.

Mario Benedetti

Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.

Textos sob responsabilidade de Camila Marques (coordenação geral), Daniel Neri (plantão de base), Evaldo Gonçalves (suplente da DN), Flavia Geane (plantão de base) e Rosa Mota (suplente da DN).

Diretores de Comunicação: Lucrécia Iacovino e Michel Torres

Edição e revisão: Mário Júnior (MTE-AL 1374)

Design Gráfico: Flávia Destri Garcia

Contatos: dn@sinasefe.org.br e imprensa@sinasefe.org.br

Acesse nosso site: www.sinasefe.org.br



Filiado à

